

O rosário de lágrimas de Nossa Senhora nas mãos de Maria: benzeção e saúde no Brasil contemporâneo

The chaplet of tears of Nossa Senhora in the hands of Mary: blessing and
health in contemporary Brazil

Ernani Francisco dos Santos Neto

RESUMO

O presente trabalho constitui-se como um estudo de cunho teórico-bibliográfico, o qual busca entendimentos sobre as práticas de benzeção no Brasil e sua relação com o campo da saúde. Em uma perspectiva histórica, descreve a realidade brasileira acerca das terapêuticas populares, que durante séculos foram desvalorizadas e criminalizadas. Atualmente, o conceito de saúde se ampliou abarcando outras dimensões tais como, a dimensão espiritual, devido à nova compreensão de saúde, as práticas de cura e os saberes populares passaram também a ser considerados nesse contexto. Permeado pela história de vida da benzedeira Maria do Rosário, o trabalho aborda um pouco dessa prática e narra as principais mudanças ocorridas com essa categoria Brasil.

Palavras-chaves: Benzeção. Saúde. Mulheres. Idosas.

ABSTRACT

The present work is constituted as a theoretical-bibliographic study which seeks understandings about the practices of blessing in Brazil and its relation with the health field. In a historical perspective, it describes the Brazilian reality regarding popular therapies, which for centuries have been devalued and criminalized. Currently, the concept of health has expanded to include other dimensions, such as the spiritual dimension, because to the new understanding of health, healing practices and popular knowledge have also come to be considered in this context. Permeated by the life story of the healer Maria do Rosário, the work approach a little of this practice and narrates the main changes that occurred in this category in Brazil.

Keywords: Blessing. Health. Women. Elderly.

¹ Psicólogo e doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: ernanineto.psi@gmail.com . Submetido em: 31/03/2021 ; aceito em: 14/06/2021 .

Introdução

Deus diante e o pai lhe guia, eu te encomendo a Deus e a virgem Maria. Pelo sinal da santa cruz, livre nos Deus nosso senhor, dos nossos inimigos. Pai, filho, Espírito Santo amém Jesus!

Oh meu divino pai eterno, filho da virgem, com a força e o poder de Deus pai, tenha paz e misericórdia. De quem? Seu nome? Mirane. Arritirando de Mirane a dor de cabeça, dor no corpo, esmorecimento, os maus olhos e jogando nas águas do mar. Com o poder de Deus pai, com o poder de Deus filho, com o poder do divino Espírito Santo amém Jesus e assim seja, em graça de Deus.

A epígrafe transcrita acima é parte de uma das benzeções realizadas pela senhora Maria Benedita dos Santos, também conhecida como Maria de Crispim (por parte do pai), Maria Rezadeira (por profissão) e Maria do Rosário (pelo instrumento de seu ofício – o rosário de lágrimas de Nossa Senhora)². Rezadeira por tradição familiar, Maria foi uma das mais importantes referências nas práticas de benzeção e cura na cidade de Caicó, que fica situada na zona central do Estado do Rio Grande do Norte. Dentre as várias benzedeadas/ rezadeiras consagradas nessa região, ela se destaca, e é a partir da experiência de vida de Maria do Rosário que discorreremos sobre as principais transformações, no que tange à história e às práticas de cura, especificadamente, à benzeção no Brasil. Outra necessidade se faz esclarecer, a predominância de mulheres idosas na medicina popular. Visando uma melhor compressão do objeto pesquisado, anexamos a esta revisão bibliográfica fontes primárias e secundárias. Também foram anexadas as entrevistas transcritas de um documentário sobre as benzedeadas do sertão Potiguar³.

² As lágrimas de Nossa Senhora - o nome científico é *Coixlacryma-jobi* L. Família: Poaceae. As partes usadas são a raiz, o fruto e a semente. A planta é nativa do sudeste da Ásia, sendo a Índia o seu provável ponto de origem. Planta perene que cresce até 1 m. Flor monóica (ou hermafrodita, apresenta órgãos reprodutores de ambos os sexos) e é polinizada pelo vento. No uso popular e medicinal o fruto é anódino (reduz efeitos da dor), anti-inflamatório, antipirético, antisséptico, antiespasmódico, hipoglicemiante, hipotensor, sedativo e vermífugo. Os frutos são utilizados em remédios populares para tumor abdominal, esofágico, gastrointestinal, câncer de pulmão, verrugas e inflamações dos tecidos dos dedos das mãos e pés (falange distal, terminal ou singular). O fruto é colhido quando maduro no outono e as cascas são removidas antes de usar, sejam frescas, assadas ou fermentadas. Suas sementes são usadas como ornamento, principalmente em rituais religiosos para a confecção de rosários e guias de santo. Fonte: <http://www.ppmac.org/content/lagrima-de-nossa-senhora>

³ Entrevista concedida por dona Maria de Crispim em Caicó–RN, aos 06 de fevereiro de 2012 para o documentário “*Da Serra ao Seridó – Vivências de um Brasil de Contrastes*” o qual apresenta as semelhanças entre duas localidades geograficamente distantes, entre moradores do interior de Santa Catarina e do sertão do Rio Grande do Norte, mas muito próximas pelas tradições e costumes de seus povos. O longa-metragem foi produzido na oficina de documentário da UFRN – Ceres Caicó, e dirigido pelo cineasta catarinense Fernando Leão e contou com o suporte do historiador Lourival Andrade Jr., que é professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O material da entrevista foi disponibilizado pelo prof. Dr. Lorival Andrade Junior, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História dos Sertões (UFRN-DHC) e membro do Grupo de Pesquisa História dos Sertões. CERES- UFRN.

A Benzeção

Nos dias atuais ainda é possível observar que a busca pela cura dos males, físicos, espirituais e também *mentais* (grifos nossos) através da benzeção é uma atitude comum entre muitos brasileiros e que faz parte do cotidiano de muitas pessoas, independentemente do grupo social. Verifica-se que mesmo diante de todo avanço médico-científico que a crença em orações, benzimentos, chás, garrafadas, simpatias, uso de objetos (patuás, amuletos e talismãs), entre outros, faz-se muito presente. (MOURA, 2011).

Quintana (1999) em *A ciência da benzedura*, uma obra significativa sobre o assunto esclarece antecipadamente que:

Num primeiro momento, pode-se pensar que a benzedura seja um resíduo de tempos passados, como uma grande fortaleza que deixou de ser utilizada e se encontra entregue ao tempo para sua total destruição. Longe disso, a benzedura é um entre outros sistemas de cura que são utilizados pelos grupos populares. O que podemos afirmar é que essa prática (assim como toda prática social) vem sofrendo uma série de modificações. (QUINTANA, 1999, p.50).

O termo benzeção, segundo Borges (2008, p.247), “concretiza-se por meio de um ritual que tem como finalidade assegurar as condições necessárias para a manutenção da vida social e individual”. Na sua realização são utilizados símbolos e é imperativo que a(o) benzedora/benedor possua o dom, um saber que escapa aos aspectos formais e informais do aprendizado. O autor destaca que o recebimento desse dom implica, ao mesmo tempo, um privilégio e uma obrigação. A benzeção é compreendida por Moura (2011) como um ritual que remonta às crenças e práticas mágicas da Idade Média e que persiste na atualidade. Para este autor, o princípio básico por trás da benzeção “é a ideia de curar (mal físico ou espiritual) por meio da palavra, da oração, no qual o(a) benzedora(a) é um(a) intermediário(a) entre Deus, ou deuses, e aquele que se submete à cura” (MOURA, 2011, p.342). Tal característica pode ser verificada em diferentes culturas.

Geralmente, o termo benzeção é visto como sinônimo de curandeirismo e de outras práticas de cura, todavia, há distinções entre os termos. A benzeção por estar relacionada à cura de algum mal se aproxima do curandeirismo, no entanto, emprega-se o termo curandeiro àquele que é dotado de poderes sobrenaturais, que receita remédios para variados tipos de doenças e lança mão de feitiços para a solução de alguns pedidos de seus clientes, ao contrário dos benzedores, que são capazes de desfazer um feitiço, mas jamais de fazer um. Um outro termo muito utilizado é o de rezadeira, um sinônimo para curandeira e benzedora, no entanto, o seu significado tem um sentido que difere dos termos em questão (MOURA, 2011).

O uso do conceito de rezadeira também é discutido por Cascudo (2000, p.587) que o define como “Mulher, geralmente idosa, que tem “poderes de cura” por meio de benzimentos”. Para este folclorista, a rezadeira é uma especialista em quebranto, mau-olhado, vento caído, enquanto reza em cruzes sobre a cabeça do doente com pequenos ramos verdes que vão murchando por adquirir o espírito da doença que fazia o mal. Em sua obra, Cascudo (2000) não descreve os termos que derivam da benzeção, contudo nivela os termos rezador e benzedor indicando a possibilidade de serem confundidos. Por rezador ele descreve:

Indivíduo com poder de proteger as pessoas contra as doenças e outros males pela reza. Usa água benta, galhinhos de certas plantas, acende velas enquanto vai rezando, às vezes com expressões ou versos incompreensíveis. Muitas vezes, o rezador é benzedor e curandeiro, recomendando o uso de beberagem, emplastos, purgantes e chás. (CASCUDO, 2000, p.588).

Alguns autores, a exemplo Nogueira *et al* (2012), Borges (2008), Nery (2006), Quintana (1999) e Moura (2011) descrevem que a benzeção trata-se de um processo ritualístico. Quintana (1999) descreve esse processo em três fases: o *Diálogo*, a *Benção* e a *Prescrição*. Na primeira, o *Diálogo*, trata-se do primeiro contato entre o benzedor e o benzido, neste momento o cliente fala de sua vida, seus problemas, angústias e aflições. Estabelecido o vínculo inicial, a benzedora inicia a segunda fase - o ritual da *Benção*, que pode ser de inúmeras maneiras: imposição das mãos, recitação de jaculatórias e orações, gestos em forma de cruz sobre o benzido etc. Por último a *Prescrição*, que acontece das mais variadas formas, visto que depende da queixa apresentada durante o diálogo. Nesse momento do ritual, a pessoa que benze fala o que sentiu durante a benzeção e prescreve orações ou mesmo chás e ervas. Dentre as inúmeras enfermidades relatadas pelos estudiosos, Santos (2007) identificou a expressão *doença de benzedoras* para as doenças de: carne triada, arca ou espinhela caída (mulher) e peito aberto (homem), mal-de-monte, companhia caída, cobreiro (herpes Zoster), vento caído e virado, olhado, quebranto, estancar sangramento, pomo de ar, fogo selvagem, bicheiras e engasgos, entre outros. Essas doenças são aquelas cujo os diagnósticos são definidos e elaborados pelas próprias rezadeiras.

De acordo com Nogueira *et al* (2012, p.170) “o ofício da benzeção envolve uma gama de representações e simbologias que juntos atuam na eficácia de tal prática constituindo e moldando o universo místico da mesma”. Muitos são os símbolos utilizados para a realização das curas, para certos tipos de males, as rezadeiras podem utilizar; água benta, agulha, linha e pano, cordão, massagens e puxões de parte do corpo, gestos de vários tipos, rezas e principalmente ramos verdes. Existem outros símbolos que são utilizados nas benções além de ramos verdes e da água benta, o terço e/ou rosário é um destes elementos usados por muitas mulheres, sendo comumente utilizado pelas benzedoras católicas.

Consoante com Nogueira *et al* (2012) e Moura (2009) o rosário possui valor de totalidade, ou seja, ao circundar a pessoa com este objeto, a benzedora envolve-a em um círculo de cura, fechando o corpo para a doença e o mal. Nossa personagem, Maria do Rosário, fazia uso de um rosário de contas as quais chamava de lágrimas de Nossa Senhora, a importância e valor desse instrumento é também ressaltado por ela. A benzedora conta que o rosário de lágrimas de Nossa Senhora tem muito poder, pois essas contas nascem do capim, fruto das lágrimas de virgem Maria, que por onde passava deixava cair suas lágrimas a chorar por seu filho crucificado.

Quintana (1999), ao abordar a benzedura pelo prisma psicanalítico, alega que em todos os casos estudados a formação da benzedora depende de uma aprendizagem assistemática, mas que, a rigor, pode ser dividida em dois tipos. A primeira é aquela que é resultado de uma experiência sobrenatural (vista como um dom). E a segunda que é oriunda de uma tradicionalidade ancestral, trata-se de uma consequência, de um processo imitativo em relação a um mestre. Maria do Rosário relata a sua aquisição do dom tanto pela via do sobrenatural como também pela tradicionalidade, a benzedora narra que no início de sua prática de cura a manifestação ocorreu através do dom, em um dado momento, a pedido de alguém. Quando questionada sobre o início de seu ofício ela revela:

Esse dom foi quase uma graça (risos). Eu estava em casa quando uma mulher, uma conhecida minha, eu morava nesse tempo na Rua do Macaco, chegou com uma criancinha bem novinha se queimando em febre e muito doente, aí com esse menino chorando e pedindo pra eu rezar. Aí eu disse pra ela: oh mulher quando

foi, quando foi que você me viu rezar? Eu nunca rezei em ninguém, eu não vou rezar não, que eu não sei rezar não, eu nunca rezei ninguém. - Não, Maria, mas veio você na minha mente e eu quero que você reze meu filho. Aí botou pra chorar, e não vou voltar. Eu digo, é eu rezo, com pena dela, aí fui peguei o terço. Esse foi o primeiro. (Entrevista Maria do Rosário).

Para além dessa aprendizagem concebida por Quintana (1999) existem outros elementos necessários para que a benzedeira tenha legitimidade no cenário social. “Não é rezadeira quem quer”, sublinha Santos (2016, p.268), e ressalta que além da existência de uma conduta moral voltada para os valores maternais e religiosos, estas mulheres precisam receber o consentimento da coletividade. Outra característica destacada é que a maioria dessas mulheres deve passar pela experiência da maternidade e o cuidado com os filhos. Isso também se confirma na história de Maria do Rosário, ela era mãe de quatro filhos, dois filhos consanguíneos e duas filhas advindas da adoção. Maria do Rosário rememora... E reforça a aquisição do dom pela via do sobrenatural, trata-se um pedido, ou melhor, uma promessa para a suspensão de suas primeiras experiências em contato com o sagrado.

Aí eu vinha rezando, vinha, vinha rezando... Lembrei que peguei isso com sete anos de idade, na escola. Um beliscão no dedo do pé e desse beliscão eu me transformava. Aí eu ficava doida, saltando, pulando, a boca ficava no pé do ouvido, poderia vir quem viesse, na minha frente que eu passava, não queria nem saber. No meio da rua tinha hora que estava assim, cheinho, ao redor de mim. Aí eu fiz uma promessa com o senhor do Bomfim pra que ele me ajudasse que se esse negócio desaparecesse de mim eu ficava rezando enquanto vida eu tivesse. Aí parece que ele deu um chute, nunca mais eu senti. Graças a Deus. Então eu tô rezando até o dia que Deus quiser, no dia que não quiser eu paro, e assim tô rezando. (Entrevista Maria do Rosário).

De outra maneira, Maria experiência o segundo tipo descrito por Quintana (1999), o da tradicionalidade. Na visão do autor, esse tipo de aprendizagem trata-se de uma consequência, de um processo imitativo em relação a um mestre. No entanto, quando Maria é questionada sobre o seu aprendizado, ela expõe:

A minha vó Cabocla⁴ era curandeira sabe? E eu morava com ela, ela me criou... E era o dia todinho rezando, assim como eu rezo hoje. Era o dia todinho rezando e não era cochichado, era alto, quem queria aprender, aprendia. Aí pronto, eu peguei a rezar. (Entrevista Maria do Rosário).

Nery (2006, p.04) destaca que “o benzedor não faz propaganda de seu trabalho”. Ele passa a ser conhecido da comunidade por causa das curas que realiza nas pessoas e pelos seus atendimentos, sendo geralmente procurado por pessoas da sua própria comunidade, visto que os atendimentos ocorrem sem distinção de classe, etnia, idade e enfermidade. Na fala de Maria do Rosário é possível verificar essa realidade “eu rezo do lixeiro ao prefeito, do pobre ao rico, gente de qualquer lugar e de todas as religiões”. (Entrevista Maria do Rosário). Nery (2006) ainda narra que quando uma morre, as pessoas do lugar procuram outra benzedeira que possa curar os seus males. A autora pontua que é a comunidade que faz o benzedor, eles acreditam e conseqüentemente o legitimam.

⁴ Nome de batismo - Maria Cabocla, ela foi uma das primeiras curandeiras da região. Não foram encontrados registros de seu nascimento, apenas dados no registro civil de seus netos. Segundo alguns familiares a mesma era conhecida como boboca, tratava-se de uma linda senhora, baixinha de cabelos loiros e olhos azuis, de provável origem portuguesa.

Um percurso histórico: benzeção e curandeirismo no Brasil.

Não se sabe ao certo o marco das práticas de benzeção no Brasil, ainda sim a literatura nos mostra várias possibilidades de compreensão, entre elas, a origem que remonta ao Brasil Colônia. Em uma revisão de literatura, Oliveira (2018) procurou entender, em uma perspectiva histórica, como se formou as práticas das rezadeiras na América Portuguesa e suas manifestações religiosas. O autor descreve que as práticas de curandeirismo no Brasil já existiam antes das chegadas dos portugueses, com os índios nativos.

De maneira oposta argumenta Nery (2006) que a benzeção seria uma herança dos portugueses, que ao chegarem ao Brasil sofreram influências dos índios e, posteriormente, dos africanos, sobretudo as mulheres. “O conhecimento das plantas medicinais da colônia, dominado pela cabocla e pela mulata, unido ao das plantas medicinais trazidas pelos portugueses, foi sendo repassado de geração em geração, originando o costume de curar doenças por meio de recursos naturais” (NERY, 2006, p.02). Fato é que com a chegada dos portugueses e o processo de colonização houve uma gama de povos com diferentes culturas situados na colônia, esses povos contribuíram com a religiosidade sincrética do lugar, manifestando ao longo dos anos a multiplicidade de crenças e práticas religiosas. Todavia, a maioria dos estudos assegura que essa mistura sincrética de crenças e religiões foi o combustível para o desenvolvimento dos saberes populares e sua permanência na contemporaneidade.

Para Oliveira (2018) essa diversidade religiosa só foi possível devido à falta de acesso aos livros cristãos, principalmente a Bíblia, e também ao fato de a grande maioria da população pobre não saber ler. “Neste sentido o que estava ao alcance da camada popular, eram os saberes empíricos religiosos, que trazia os conhecimentos de diversos povos, negros, indígenas, jesuítas e portugueses” (OLIVEIRA, 2018, p.03). Este autor ainda assegura que, em seu início, a cultura religiosa brasileira já se mostrava sincrética, nesse sentido as práticas de cura e os saberes populares eram os únicos meios disponíveis e efetivamente legitimados pela população. Os estudos mostram que essa prática era praticamente inevitável, ainda que muito perseguida e castigada. O autor tenta explicar um pouco do desenvolvimento desses saberes ao longo da história permeado por diferentes grupos:

Os indígenas possuíam grandes conhecimentos sobre as ervas medicinais, e de acordo com Carlos Alberto Cunha Miranda (2017), essa prática de utilizar as plantas como formas de cura eram conhecidas também pelos africanos, e depois chegou ao conhecimento dos jesuítas que também passaram a usar. O que mostra mais uma vez o hibridismo cultural, construído na colônia. Esses saberes populares foram passados de geração a geração, e mais tarde pessoas que faziam uso dessas práticas medicinais passaram a ser conhecidas como benzedeadas/rezadeiras. (OLIVEIRA, 2018, p.03).

Segundo Matos (2005, p.05), as práticas de cura como medicina popular “surgiram como parte de uma cultura originalmente rural, católica, dentro de uma esfera familiar, nascidas das relações entre os homens para satisfazerem suas necessidades”. Na visão deste autor, essas práticas são dinâmicas e atualizadas à medida que recriadas com o deslocamento das pessoas do campo para as cidades, nos processos migratórios, permanecendo resistentes às formas oficiais de cura.

Puttini (2011) nos lembra que desde a Proclamação da República, de modo bastante peculiar, o Estado brasileiro dispensa tratamento legal às práticas de cura por meio de legislação específica, caracterizando-as por ações criminosas relativas à saúde pública. O autor argumenta que, com o tempo, estabeleceu-se uma jurisprudência exclusiva sobre o assunto, que traduz as normas e

condutas sociais para as variadas formas de curandeirices no país, sintetizadas no conceito de curandeirismo. Ele ainda afirma que “é corrente entre profissionais de saúde que o termo curandeirismo sintetiza uma ação criminosa e representa as curandeirices populares, identificadas por práticas ultrapassadas desde a origem da medicina científica” (PUTTINI, 2011, p.33).

De acordo com Hoffmann-Horochovski (2012), esse tipo de ritual de cura sempre possibilitou formas de sociabilidade e interação entre os membros de um dado grupo social. Na atualidade, em determinados espaços geográficos essa prática é cada vez menos comum. Segundo esta autora, o processo de urbanização, a universalização da saúde, o ingresso e permanência da mulher no mercado de trabalho, a mudança no panorama religioso brasileiro, mormente, o crescimento de religiões evangélicas que geralmente condenam essa prática, e o desinteresse pelas novas gerações em apreendê-la estão entre os fatores que parecem influenciar em sua continuidade.

A benzeção e o campo da saúde: aproximações e distanciamentos.

Por séculos essas práticas de cura foram desvalorizadas e proibidas no Brasil chegando a configurar-se como crime de curandeirismo, tipificado no Código Penal brasileiro (decreto-lei nº 2.848, 07/12/1940). Presente no capítulo III: dos crimes contra a saúde pública. O crime de curandeirismo prevê em seu artigo 284:

“Exercer o curandeirismo: I – prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância; II – usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III – fazendo diagnóstico: Pena – detenção, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos. Parágrafo único. Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa”. (BRASIL, Decreto-lei nº 2.848, 07/12/1940).

Cunha (2011) defende que em um país tão recheado de crenças e culturas que envolvem práticas de cura como o Brasil, admitir-se a tipificação em seu Código Penal na qualidade de crime trata-se de uma situação, a priori, um tanto quanto equivocada, mas que deve, por ser tão delicada, ser meticolosamente analisada, para não incorrer em um injusto penal.

Em nossa pesquisa não foram encontrados dados que assegurassem as práticas de cura, incluindo a benzeção, como atividades legalizadas em todo território nacional. Apesar disso, elas são aceitas popularmente e, ainda, altamente valorizadas, mesmo o Estado brasileiro não reconhecendo tais práticas como legais. Nos últimos anos houve uma mudança acerca dessa discussão, e em algumas cidades brasileiras passaram a vigorar leis que reconhecem e legalizam as ações das benzedeadas, rezadeiras, curandeiras e costureiras de rendiduras (dores musculares) como agentes de saúde pública das comunidades locais. Dando direito a essas mulheres de ter carteirinha e certificado, além de participação em conselhos estaduais de saúde, a exemplo, Rebouças que, em 2009, foi o primeiro município do país a oficializar tais práticas e o segundo São João do Triunfo, ambos no estado do Paraná. Maria do Rosário, assim como muitas benzedeadas, conta que devido às constantes fiscalizações por parte do município filiou-se a uma Federação de Umbanda, mesmo não sendo praticante de tal religião, para que pudesse realizar suas práticas por alguma via legal.

Em outras cidades brasileiras, a exemplo Maranguape (CE), mesmo a legislação não acompanhando o uso que a população faz das benzedeadas, estas atuam inclusive com a aprovação dos médicos de família. No ano de 2011, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – concedeu as benzedeadas destes municípios o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade pelo projeto de mapeamento social das benzedeadas da região com o apoio do MASA – Movimento Aprendiz da Sabedoria. (ANDRADE; GÓMEZ, 2019).

Outro marco significativo acerca da benzeção e sua relação com o campo da saúde no Brasil ocorreu no Estado do Ceará, em 2004. O fato foi noticiado pelo o jornal *O Extra*, de São Paulo. Por conta da sabedoria das mulheres rezadeiras, foi instalada uma escola para a formação de profissionais de cunho não científico para o Programa Saúde da Família (PSF). Foram realizados treinamentos com 250 rezadeiras cadastradas no Serviço de Saúde, além de cerca de 60 responsáveis por terreiros de Umbanda. O Programa, além de preservar os conhecimentos das rezadeiras, ensinava a reconhecer doenças que não podem ser tratadas e a encaminhar o paciente ao posto de saúde. Com isso, o programa também tem ajudado a diminuir as divergências entre o conhecimento das rezadeiras e o do saber médico. (PAULO DE OXALÁ, 2014).

Matos (2005) buscou entender o curandeirismo, tendo como objetivo analisar tanto o posicionamento dos profissionais de uma equipe de saúde da família sobre essas práticas, como a visão dos próprios curandeiros sobre sua atividade e seu relacionamento com a medicina oficial. Observando as relações entre os curandeiros e os profissionais da equipe de saúde da família, a pesquisadora constatou que ambos reconhecem a existência do trabalho um do outro, mas não se relacionam, trabalhando isoladamente. Falando especificamente da atuação em espaços de saúde, Puttini (2008) destaca, em seus estudos, que por meio de temas contemporâneos compartilhados pelas Ciências Sociais e pela Saúde Coletiva as práticas de cura e medicinas populares ainda têm um aspecto negativo para o campo médico, no entanto, essas mesmas práticas transformam-se em um aspecto positivo no campo da Saúde Coletiva.

“As benzedoras estão voltando”, esse é o título da reportagem do jornal *O tempo*, da capital mineira, cujo artigo jornalístico expõe que essas práticas ainda resistem nos grandes centros e desafiam os conceitos da ciência, por meio de atendimentos realizados com ferramentas online, videoconferências e e-mails. (MATTOS, 2018). Na contemporaneidade, a benzeção também se tornou midiática, em entrevista, a assistente social Maria Bezerra, da Escola de Benzedoras de Brasília, diz que é possível benzer a distância, por *Skype*⁵, apenas com o nome completo da pessoa, colocando-o em oração. Ela parte do pressuposto que a conexão estabelecida entre a benzedora e consultante são campos e/ou ondas de energia. Dessa forma, seria possível enviar uma onda, uma energia de cura, bendita e amorosa para aqueles que precisam, mas não estão lá presencialmente. Acreditamos que essa nova realidade se trata de mais uma atualização, já que no cotidiano das benzedoras já era habitual a realização de curas e benzenções à distância. Essa forma de tratamento acontecia através de peças de roupas e/ou objetos pessoais do enfermo e também através do próprio nome escrito em papel. Essas adaptações aconteciam quando aquele que procura a benzeção era impossibilitado de se deslocar até a residência da benzedora.

A evolução e as novas adaptações no que tange às práticas da benzeção podem estar associadas diretamente com o avanço da modernidade, na qual essas práticas tendem a se atualizar. Quintana (1999) assegura que não poderia ser de outra forma, uma vez que, como toda prática social, “a benzedura vai estar sempre num processo de reconstrução, ganhando sentido apenas em razão de sua articulação com o social; portanto, nunca vai ser uma prática estática, detida no tempo; pelo contrário, ela se constitui uma realidade dinâmica” (QUINTANA, 1999, p.50). Um claro vislumbre disso ocorre nos dias atuais, em que se verifica um deslocamento da tradicionalidade para o universo virtual. Em reportagem, *O Correio Brasiliense* expôs que existe um movimento nacional para resgate desse conhecimento em algumas cidades, mesmo sem o reconhecimento jurídico legal, as benzedoras têm a garantia de poder exercer a atividade junto ao Sistema Único de Saúde – SUS, como prática oficialmente reconhecida. O dinamismo

⁵ O Skype é o software que permite conversar com o mundo todo. Milhões de pessoas e empresas usam o Skype para fazer chamadas de vídeo e voz gratuitas entre dois usuários, bem como chamadas em grupo, enviar mensagens de chat e compartilhar arquivos com outras pessoas no Skype.

das práticas de benzeção também foi observado por Santos (2007), que em sua pesquisa constatou um “trânsito religioso” compartilhado por rezadeiras evangélicas.

Mulheres, benzedoras e idosas

Quando abordamos as práticas de benzeção no contexto brasileiro fica evidente uma constatação: a maioria delas são consideradas ensinamentos de povos tradicionais, passados de geração em geração através da oralidade. Outra característica importante é que grande parte do contingente dos agentes de cura são compostos em sua maioria por mulheres e, principalmente, idosas; mas antes de tudo, mulheres. O predomínio do gênero feminino entre as práticas de cura no Brasil é evidente e pode ser constatado em inúmeros trabalhos, vejamos alguns deles.

Em pesquisa, Santos (2016) ocupou-se em analisar as práticas de cura realizadas pelas rezadeiras/benedoras que atuam em uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Norte. Nessa investigação, ele destaca a ausência do sexo masculino e a forte presença feminina, o estudo foi realizado com vinte e três mulheres. Sobre esse debate de gênero destaca o autor:

A questão da transmissão das rezas ser efetuada a partir das relações de gênero está intimamente relacionada com o poder de cura das rezas fortes. De acordo com algumas rezadeiras, as rezas de cura só podem ser transmitidas entre pessoas de sexos opostos. Um rezador só pode ensinar suas rezas para uma mulher e uma rezadeira só poderia ensiná-las a um homem. Caso contrário, o transmissor das rezas perde os poderes de curar para o receptor. O segredo das rezas consiste justamente nessa questão da não transmissão das rezas entre pessoas do mesmo sexo. (SANTOS, 2016, p.272).

Os autores Gonsalves e Oliveira (2018) também asseguram que é comum em algumas regiões ocorrer a prevalência das mulheres como benzedoras, isso porque existe um arquétipo sobre a mulher curandeira, que possui naturalmente o dom da cura e passa a ser entendida como especializada nos cuidados físicos, sexuais e alguns paliativos. Del Priore (2004), em *A história das mulheres no Brasil*, descreve a ciência médica entre os séculos XVI e XVIII, neste contexto, a doença era compreendida como uma advertência, uma dívida e a imagem da mulher, assim como seu corpo, eram vistos de forma inferior. A autora sustenta que nesse ambiente de atraso científico e de crença em poderes mágicos capazes de atacar a saúde é que argumentos e noções sobre o funcionamento do corpo da mulher foram fabricados.

A ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo. Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedoras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões. Era também a crença na origem sobrenatural da doença que levava tais mulheres a recorrer a expedientes sobrenaturais; mas essa atitude acabou deixando-as na mira da Igreja, que as via como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações de Satã nos corpos adoentados. Isso mesmo quando elas estavam apenas substituindo os médicos, que não alcançavam os longínquos rincões da colônia (DEL PRIORE, 2004, p.81).

Estudos realizados por Gomes e Pereira (1989), no estado de Minas Gerais, demonstraram que a benzeção é uma prática desenvolvida, sobretudo, pelas mulheres. Segundo os autores “A presença da mulher é marcante no mundo da crendice e é ela, numa maioria quase absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal” (GOMES; PEREIRA, 1989, p.16).

Como exposto acima, a benzeção é por muitos considerada uma especialidade exclusivamente feminina. Entretanto, Moura (2009) e (2011) verificou contradições nessas observações. O autor argumenta que havia muitos homens envolvidos em tal prática, dado comprovado em suas pesquisas de campo, ele narra que em São Luís do Paraitinga - SP, há cinquenta anos, eles eram a maioria, contrariando os resultados encontrados na bibliografia estudada, que apontava a mulher como a principal atuante neste campo de cura. O autor verifica, portanto, a efetiva participação de ambos os gêneros envolvidos nas práticas religiosas de benção. Nessa mesma linha de pensamento, ao falar das velhas benzedoras do Paraná Hoffmann-Horochovski (2012) também relativiza a questão de gênero e afirma que “o benzimento é uma atividade antiga na sociedade brasileira e comumente, mas não exclusivamente, praticada por mulheres” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012, p.128).

Há diferenças significativas, não apenas no que tange ao gênero, mas também no que se refere às práticas. Nery (2006) explica que a benzedora reza em males que acometem tanto crianças como adultos, já no caso do benzedor homem, este é procurado em especial para rezar em “ofendido de bicho mau”, para tirar cobras de uma fazenda, para curar a picada de cobra, para estancar sangue numa ferida ou para curar bicheiras em animais.

A literatura aponta a benzeção como uma prática predominantemente feminina, passada de geração em geração, no entanto, Maria do Rosário revela uma ação diferente ao que se constata na maioria dos trabalhos em relação à transmissão do dom. Ela se aproxima das ideias de Santos (2016) ao descrever que o segredo das rezas consiste justamente nessa questão da não transmissão das rezas entre pessoas do mesmo sexo. Quando questionada se estava passando esse dom pra alguém, se alguém estava aprendendo a rezar com ela, a mesma responde:

Tem uma menina aqui, que mora aculá pra cima, mais de uns dias ela pede pra eu passar pra ela, mas não pode! Não tem como passar pra mulher, não tem força (risos). Eu tenho que passar para um homem. Pra um homem passar para uma mulher. Tem que ser assim! (Entrevista Maria do Rosário).

Essa forma de transmissão de saberes é conhecida como *Transmissão Cruzada*, sendo necessária a presença masculina para a transmissão e fortalecimento dos dons. Santos (2016) também observou as questões de gênero e de transmissão na benzeção e acerca dessa problemática ressaltou: “Outro aspecto que considero relevante e merece uma certa ênfase, é a questão da transmissão cruzada dos saberes através dos gêneros, ou seja, algumas rezadeiras atribuíram as forças de suas rezas ao rezador que as ensinou” (SANTOS, 2016, p.279). O autor relata que, nesses casos, era comum ouvir das rezadeiras falar que não podia ensinar suas rezas para outra mulher porque corria o risco dos poderes de suas rezas migrarem para a iniciante. O que vai diretamente ao encontro com o relato de Maria, a rezadeira.

Considerações Finais

Evidentemente que este trabalho não foi exaustivo para abarcar a complexidade e a grandiosidade do tema, contudo esperamos que ele possa contribuir para futuras investigações e estudos no campo da Ciência da Religião e áreas afins. O estudo traz em si considerações importantes: a benzeção, assim como outras práticas de cura populares, estão presentes em nosso território desde longa data, por vezes descriminalizadas e castigadas, em outras, aceitas e valorizadas. No Brasil, essa prática foi influenciada por diferentes seguimentos que compunham o campo religioso brasileiro com destaque para os católicos, atualmente essas práticas são ressignificadas e utilizadas inclusive pelo segmento evangélico

No que tange a aquisição do dom, a literatura mostra que a benzeção pode ser oriunda tanto de uma experiência sobrenatural, quanto de uma tradicionalidade ancestral, todavia,

necessita de uma legitimação sócio-comunitária, a qual valoriza a conduta moral voltada para valores maternos e religiosos. As práticas de cura estão presentes em todo o território nacional, mas grande parte desses saberes está localizado em pequenos municípios em diferentes regiões do país, com destaque para a região Nordeste e para as zonas rurais, entretanto é possível verificar sua continuidade nos grandes centros urbanos.

Acerca da relação da benzeção com o campo da saúde, o estudo mostra ora distanciamentos, visto que tais práticas são percebidas como informais pelo saber médico e não são totalmente legalizadas no Brasil; ora, aproximações onde esse saber popular é atualizado, aceito e valorizado em algumas localidades do nosso extenso território. Para tanto, faz-se uso da implementação de Projetos de Lei que regulamentam e legalizam a prática das benzedadeiras, que em algumas cidades são vistas como Agentes de Cura nos serviços de saúde.

No Brasil contemporâneo, a benzeção está viva e em plena dinâmica, constata-se a formação de cursos e escolas visando a transmissão da benzedura. Percebidas como processos em reconstrução, a benzeção e as práticas de cura expandem-se para novas dimensões, sendo que as benzeduras agora, também, são realizadas por meio de videoconferências e por e-mail. Elas estão saindo do modo tradicional de interação em que operavam para o espaço midiático. Acerca das questões de gênero, o estudo confirma o predomínio de mulheres, principalmente, de mulheres idosas, bem como as divergências acerca do ensino e/ou transmissão desse saber popular para as novas benzedadeiras/rezadeiras.

Referencial Bibliográfico

ANDRADE, Adriane; GÓMEZ, Jorge. R. M. [2019]. Movimento Aprendiz de Sabedoria (MASA). Campo-território: **Revista de geografia agrária**, v.14, n^a 33, p.129-156, ago 2019. Disponível em <https://doi.org/10.14393/RCT143306>

BRASIL, DECRETO-LEI N^o 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940 Legislação Informatizada. Diário Oficial da União - Seção 1 - 31/12/1940, Página 23911 **Coleção de Leis do Brasil - 1940**, p. 187 Vol. 7 [Publicação Original]. Acesso em 10/11/20. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html>

BORGES, *et al.* O modo de cuidar na benzeção: saber popular e racionalidade divina. **Reme – Rev. Min. Enfermagem**.12(2): 241-248, abr./jun., 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara (1898-1986). **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed.: revista atualizada e ilustrada - São Paulo: Global, 2000.

CUNHA, Anne Clarissa. Crime de curandeirismo. **Revista âmbito jurídico**. São Paulo 01 de janeiro de 2011. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/crimedecurandeirismo/#:~:text=Em%20um%20pa%C3%ADs%20t%C3%A3o%20rec%20heado,qualidade%20de%20crime%20o%20Curandeirismo.> Acesso em 20/08/2020, às 20h44mim.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2004.

GONÇALVES, Willian; OLIVEIRA, Oséias . “Adoro, faço com carinho, com amor”: reza e benzeção em Irati, PR. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 2, p. 257-264, abr./jun. 2018.

GOMES, Núbia; PEREIRA, Edimilson. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora, Mazza/EDUFJF, 1989.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete. Velhas Benzedeadas. Dossiê – O Final Da Vida No Século XXI. **Revista Mediações**, Londrina, v. 17 n. 2, p. 126-140, Jul./Dez. 2012.

MATTOS, Litzia. **As benzedeadas estão voltando**. Jornal: O Tempo. Belo Horizonte 29/04/2018. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/as-benedeadas-estao-voltando-1.1605515>. Acesso em 15/09/2020, às 15h25min.

MATOS, Isabela. Curandeirismo e Saúde da Família: conviver é possível? **Revista APS**, v.8, n.1, p. 4-14, jan./jun. 2005.

MOURA, Elen. **Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2009.

MOURA, Elen. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **MNEME – Revista de Humanidades**, 11(29), JAN / JULHO, 2011. Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>.

NERY, Vanda. **Rezas, crenças, simpatias e benzedeadas**: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: INTERCOM 2006: Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006 set 4-9. Brasília; 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529996558992.pdf>

NOGUEIRA, *et al.* O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil *Élisée*, **Rev. Geo. UEG - Goiânia**, v.1, n.2, p.167-181, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, Fernanda. **Breve histórico das práticas de cura das rezadeiras na América Portuguesa**. Encontro Estadual de História e Movimentos Sociais. 2018. Disponível em: [http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532368889_ARQUIVO_tccenviarenvento\(2\).pdf](http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532368889_ARQUIVO_tccenviarenvento(2).pdf).

PAULO DE OXALÁ. **O Poder das Rezadeiras de Fé**. Jornal O Extra. Rio de Janeiro Publicado em 17/10/2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/o-poder-das-rezadeiras-de-fe-14272588.html>. Acesso em 28 /09/2020, às 10h22min.

PUTTINI. Rodolfo Franco. Curandeirismo, Curandeirices, Práticas e Saberes Terapêuticos: Reflexões Sobre o Poder Médico no Brasil. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo v. 11, n. 3 p. 32-49 Nov. 2010/Fev. 2011.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise / Alberto Manuel Quintana. - Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SANTOS, Francimário Vito. **Conhecendo as rezadeiras de Cruzeta (RN)**: breve etnografia sobre os saberes de cura, processo de aprendizagem e trajetórias de vida. Seridó Potiguar: sujeitos, espaços e práticas. Helder Alexandre Medeiros de Macedo, Olívia Morais de Medeiros

Rosenilsonda Silva Santos (Organizadores). Natal-IFRN, Caicó: Biblioteca Seridoense, 376p. II, color. 2016.

SANTOS, Francimário. **○ ofício das rezadeiras**: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

VOCÊ sabia que as benzedadeiras têm já seu ofício legalizado? Redação GreenMe. São Paulo. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/viver/saude-e-bem-estar/3331-voce-sabia-benedadeiras-oficio-legalizado>. Acesso em 15 /07/2020, às 14h20mim